



“A LUTA DO VINI JR. TAMBÉM É MINHA”: O ENSINO ANTIRRACISTA EM SALA DE AULA

Iury Filipe Prudente Verdan¹
Priscila Ribeiro Dorella²

“A luta do Vini Jr. também é minha”³ foi uma prática pedagógica, desenvolvida em uma turma de 7º ano, da Escola Estadual Effie Rolfs, em Viçosa - MG. Possuindo como justificativa a ideia de repensar como as narrativas históricas são construídas nos conteúdos do Ensino Básico, a atividade foi elaborada com os objetivos de dialogar acerca do que é o racismo e sobre a necessidade de todos e todas serem antirracistas. Os estudantes tinham questões interessantes, como “Mas, o que é racismo, professor?” ou “Iury, você viu o que está acontecendo com o Vinicius Jr. na Espanha?”. A partir destas perguntas acerca dos ataques racistas sofridos pelo jogador, a atividade foi trabalhada com olhos para as relações étnico-raciais e a democratização das representações.

Este relato está envolvido na discussão sobre questões raciais e descolonização do currículo, dialogando com trabalhos, como: “*Outra Educação É Possível*”, da Profa. Luana Tolentino e “*Ensino Antirracista na Educação Básica*”, organizado pelo Prof. Dr. Thiago Henrique Mota. Além disso, conecta-se com conceitos trabalhados pelos teóricos Silvio Luiz de Almeida, Frantz Fanon e Djamila Ribeiro. Assim, foi possível ensinar sobre outras representações existentes, rompendo com a hegemonia branca, sendo assim uma atividade democrática e ligada aos Direitos Humanos, uma vez que buscou trazer visibilidade para agentes sociais que foram historicamente silenciados ou que passaram por processos de “branqueamento”.

A Escola Estadual Effie Rolfs é pública e está localizada no Campus da Universidade Federal de Viçosa. Em virtude de sua posição privilegiada, a escola tem condições de oferecer uma estrutura de qualidade para os filhos e filhas da classe trabalhadora viçosense. Por isso, muitos estudantes deslocam-se ao Centro, diariamente, para ir à escola. Em relação ao grupo, em que o trabalho foi realizado, boa parte da turma reside em bairros periféricos da cidade,

¹ Graduando do Curso de História da Universidade Federal de Viçosa - MG, iury.verdan@ufv.br;

² Professora Orientadora: Doutorado em História (UFMG). Professora Associada de História das Américas da Universidade Federal de Viçosa – MG (DHI-UFV), priscila.dorella@ufv.br.

³ Projeto desenvolvido sob vigência de bolsa CAPES do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência - UFV.



fazendo o uso de ônibus para transporte. Além disso, no que tange a questão racial, a composição da turma é marcada pela diversidade. Ou seja, são realidades diferentes englobadas no ambiente de sala de aula.

A metodologia utilizada nas aulas de História contou com aulas expositivas, uso de vídeos, charges e músicas. O tema em discussão foram os ataques racistas que o jogador Vinicius Jr. sofreu na Espanha, como dito, e, a partir disso, foi possível aprofundar na questão racial. Como pergunta-problema, indaguei a turma sobre quais eram as pessoas negras que estavam na História. Muitos falaram o nome de Nelson Mandela. Uma aluna falou: Machado de Assis. Essa resposta foi essencial para o decorrer da aula, uma vez que a proposta era apresentar para eles um vídeo que ficou muito famoso, em um comercial da Caixa, em que o autor era representado como branco. Mas, depois de questionamentos, teve de ser regravado. Essa apresentação, de forma dialogada, do vídeo expôs aos estudantes que figuras negras são excluídas da História ou passam por um processo de “branqueamento”, algo que aconteceu com Machado de Assis. Eles ficaram surpresos. Muitos não sabiam que Machado era negro. Nesse sentido, o conceito de Racismo Estrutural, desenvolvido pelo teórico Sílvio Almeida, foi fundamental, apontando o racismo enquanto “um elemento que integra a organização econômica e política da sociedade” (ALMEIDA, 2019. p. 15). Outrossim, apresentar Machado de Assis foi uma forma de inserir um referencial de leitura de um escritor negro. Em sua obra “*Pequeno Manual Antirracista*”, a filósofa Djamila Ribeiro destaca a importância de ler autores e autoras negras para a formação do indivíduo enquanto antirracista. Pois, dessa forma, faz-se possível combater o privilégio epistêmico existente em nossa sociedade, este decorrente de uma estrutura de poder, construída em torno de privilégios históricos (RIBEIRO, 2019. p. 32).

Em outra aula, o trabalho foi voltado para a música. Nesse espaço, acredito ser interessante discutir como cada turma é única, com crianças que são capazes de expressar-se de diferentes maneiras. Nessa turma há um estudante que é colocado como um “problema”. No entanto, em um certo dia, ele relatou para mim que gostava muito de Rap. Aliando-se a isso, levei a música “Negro Drama”⁴, do grupo Racionais MC’s, e a música “Canção Infantil”⁵, do artista César MC. Levantei a discussão de que essas músicas são formas denúncia e combate ao racismo. Na segunda canção, tem um verso que diz: “A rapunzel é linda sim, com os dreads no terraço. Mas se a lebre vim de juliet, até a tartaruga aperta o passo”. Perguntei o que eles

⁴ RACIONAIS TV. DVD - Mil Trutas Mil Tretas - Negro Drama. YouTube, 2014. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=mrAT_xG-opk. Acesso em: 12 de agosto de 2023.

⁵ PINEAPPLESTORMTV. Cesar MC - Canção Infantil part. Cristal (VideoClique Oficial). YouTube, 2019. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Ri-eF5PJ2X0>. Acesso em: 12 de agosto de 2023.

entenderam. Recebi respostas interessantes, por exemplo, “professor, ele quer dizer quem usa essas coisas são vistos como bandidos”. Essa questão, cabe uma reflexão sobre a teorização de Frantz Fanon em seu texto “*Racismo e Cultura*”. Fanon argumenta que, com o desenvolvimento dos meios de produção, a sociedade racista cria modos de camuflar as formas de exploração, ou seja, formas de racismo (FANON, 2021. p. 74). Assim, o racismo ganha uma nova roupagem determinando valores e deturpando significações de outras culturas, conferindo a elas imagens desfiguradas que passam a fazer parte de um imaginário social, associado à questão da raça. Desse modo, elementos da cultura negra, no Brasil, são classificados como inferiores e passam a ser vistos como problemáticos. Essa questão é verificada na ideia de perfilação do que é ser “bandido” na sociedade atual, advindo de uma classificação de fatores conectados a uma identificação negra.

Para a última aula da atividade, a metodologia utilizada foi prática. A proposta foi realizar uma manifestação na escola. A ideia era gerar nos estudantes o sentimento de sujeitos históricos que lutam por pautas que eles estão envolvidos, algo que eles viram por meio da música. Produziram cartazes apresentando frases como “Diga não ao racismo. Racismo é crime!” e “A luta do Vini Jr. também é minha”. A turma relatou não saber como era uma manifestação. Por isso, expliquei que as demandas sociais que estão presentes em atos e protestos devem ser claras e que deve haver uma organização do grupo, não podendo haver dispersões. Assim, a turma foi separada em duas filas e marchamos pela escola, até o local onde iríamos fazer a colagem dos cartazes. No final do trajeto, apresentei que nos atos há um momento de fala da Organização. Uma frase de um estudante me impactou muito. Em certo momento da fala, ele disse: “Porque só de ser preto a polícia já te para”. Isso me chamou muita atenção. Qual a realidade desse estudante? O que ele já viveu? Essa foi a última aula dessa atividade. Contudo, essa proposta de uma educação de relações étnico-raciais é de longo prazo.

Nesse viés, a perspectiva teórica de elaboração dessa atividade está de acordo com a ideia de que é necessário romper com estereótipos reprodutores de violência, presente na obra “*Ensino Antirracista na Educação Básica*”. Assim como concordamos com a ideia de que é preciso rever como a narrativa histórica é construída, englobando os sujeitos que foram historicamente oprimidos. Logo, essa atividade não se constitui como uma adição de conteúdos. Mas uma nova forma de realizar a análise das temáticas que são trabalhadas no ano letivo, muito influenciado pelas propostas de Luana Tolentino. Novos objetos de análise certamente serão produzidos a partir do contato dos estudantes com períodos históricos, com diversos agentes sociais que por vezes são esquecidos ou marginalizados. Dessa forma, será possível criar, no longo prazo, uma abordagem democrática do ensino, algo que já vem sendo discutido,

principalmente nestes 20 anos completados da Lei 10.639/2003, embora ainda encontrem-se dificuldades para sua efetivação plena.

Após a atividade “A luta do Vini Jr. também é minha” tive a oportunidade de analisar alguns comportamentos dos estudantes. Como atuo no PIBID, naquela turma, o contato com eles faz-se acessível e próximo. Em um projeto, intitulado “Letrinhas Negras”, no qual realizei junto a outros graduandos do curso de História, da UFV, percebi que os estudantes tinham uma percepção mais crítica sobre alguns pontos. O projeto consistia em ler contos da autora Cidinha da Silva. A leitura em conjunto do conto “*Profissão de Fé*”⁶, presente na obra “*Sobre-viventes!*”, chamou-me a atenção. Nesse conto, a história centrava-se em uma personagem que perguntava “Cidinha demora?”, em uma mesa de sarau literário. No entanto, Cidinha já estava ali. Uma mulher negra e escritora. A percepção dos estudantes foi muito crítica. Eles falavam “Ela está sendo racista”, “Ela esperava que Cidinha fosse branca”, “Ela acha que uma pessoa negra não pode ser escritora”. Enfim, uma interessante visão da turma. Nesse projeto, um dos pontos levantados foi apresentar intelectuais negros e negras para eles. Conheceram: Carolina Maria de Jesus, Chimamanda Adichie, Jeferson Tenório, entre outros.

Enfatizo que esse trabalho de educação das relações étnico-raciais está envolvido em um contexto de disputas e embates. As crianças levam para a sala de aula elementos que ouvem dentro de suas casas ou na mídia. Certa vez um estudante me perguntou sobre a existência de racismo contra brancos. Um assunto delicado, mas que, em certos momentos, encontra-se em debate nas redes sociais. A aula foi guiada em torno dessa questão, dado que era a discussão de outro conto de Cidinha da Silva. Em outra leitura de contos, eles perguntaram sobre o fato de existir ou não meritocracia. Uma ótima pergunta. Explicando sobre o privilégio branco que existe em nossa sociedade, foi possível conversar com eles sobre Cotas Raciais e Ações Afirmativas. Eles não conheciam isso, apesar da escola, estar localizada dentro do Campus da UFV e ser vizinha do Colégio de Aplicação (CAP-Coluni) – instituição pública federal, com ingresso por meio de exame seletivo, caracterizado por ser muito concorrido.

Deste modo, os objetivos da atividade “A luta do Vini Jr. também é minha” foram realizados e continuam gerando frutos, como essas discussões fundamentais para a formação dos indivíduos enquanto cidadãos antirracistas. Solicitei que quem estivesse confortável, escrevesse o que aprendeu nessas três aulas que foram desenvolvidas. É um trabalho que necessita de paciência, uma vez que é um assunto complexo que encontra diversas barreiras para sua execução, mas acima de tudo, um trabalho de luta. A formação deles é um modo de

⁶ SILVA, Cidinha da. *Sobre-viventes!*. Rio de Janeiro: Pallas, 2016. p. 42.

levar essas questões que estão sendo levantadas para fora da sala de aula. Que sejam capazes de enxergar o racismo no filme que estão assistindo ou em algum acontecimento que venham a presenciar. Além disso, que tenham a mentalidade de que são ativos nesse processo. Como dito em um relato de uma estudante: “não devemos ‘aturar’ atos de racismo ao nosso redor”.

Portanto, reitero que o trabalho realizado junto à turma teve seu início a partir de questões que foram levantadas pelos próprios estudantes. Com a experiência do PIBID, percebo que a prática docente torna-se mais interessante a ponto em que somos capazes de ouvir as demandas da turma. Indagações que estão realmente conectadas com a realidade deles. Por isso, trabalhar o racismo foi fundamental para contribuir com a formação dos estudantes enquanto cidadãos antirracistas, que são ativos no processo de construção histórica, capazes de reconhecer injustiças sociais e problematizar vivências que terão contato futuramente. Como dito na introdução, este relato tem como objeto analítico a atividade “A luta do Vini Jr. também é minha”. Contudo, é uma experiência em andamento. Espera-se que o trabalho de revisão da narrativa histórica seja realizado em outros conteúdos que eles venham a estudar no decorrer do ano letivo, de uma forma que reconheçam a diversidade de atores sociais e a contribuição de povos africanos e afro-diaspóricos. Nesse sentido, serão essenciais produções científicas sobre esses grupos marginalizados historicamente e novas formas de abordar, com essa revisão das narrativas no Currículo da Educação Básica. O trabalho será contínuo e seguindo as palavras de Luana Tolentino: “Ensinar com alegria e entusiasmo também são formas de resistir ao processo de mercantilização da educação” (TOLENTINO, 2017. p. 18.).

Palavras-Chave: Antirracismo, Educação étnico-racial, Ensino de História, Lei 10.639/2003.

Referências:

ALMEIDA, Silvio Luiz de. *Racismo estrutural*. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019.

FANON, Frantz. Racismo e cultura. In: *Por uma revolução africana: textos políticos*. Rio de Janeiro: Zahar, 2021.

MOTA, Thiago Henrique (org.). *Ensino Antirracista na Educação Básica: da formação de professores às práticas escolares*. Porto Alegre: Editora Fi, 2021.

RIBEIRO, Djamila. *Pequeno Manual Antirracista*. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

TOLENTINO, Luana. *Outra educação é possível: feminismo, antirracismo e inclusão em sala de aula*. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2017.